

## RUA BENEDICTO RODRIGUES GOUVEA

DECRETO N.º 4.196, DE 10 DE JANEIRO DE 1.973.

Dá denominação a vias públicas da cidade de Campinas.

O Prefeito Municipal de Campinas, usando das atribuições que lhe confere o item XIX, do artigo 39 do Decreto-Lei Complementar n.º 9, de 31 de dezembro de 1969

## D E C R E T A :

Artigo 1.º — Ficam denominadas:

I — CONSELHEIRO MARTIN FRANCISCO (1775—1844) a rua 14 do Jardim Campos Eliseos, que tem início na Avenida 2 e término na Avenida 1.

II — CONSELHEIRO ANTONIO CARLOS (1773—1845) a rua formada pelas ruas 10 e 13 do Jardim Campos Eliseos, com início na Avenida 1 e término na mesma Avenida.

III — CONSELHEIRO JOSÉ CLEMENTE PEREIRA — (1787—1854) a rua 12 do Jardim Campos Eliseos, que tem início na rua 23 e término na rua Luiz Liberman.

IV — SOROR JOANA ANGELICA DE JESUS — a rua 11 do Jardim Campos Eliseos, que tem início na rua 23 e término na rua Luiz Liberman.

V — FREI CANECA (Joaquim do Amor Divino Caneca) — (1779—1825) a rua 9 do Jardim Campos Eliseos, que tem início na avenida 1 e término na avenida 3.

VI — MANOEL DE CARVALHO PAES DE ANDRADE — (1778—1855) a rua 8 do Jardim Campos Eliseos, que tem início na rua 23 e término na rua 20.

VII — CÔNEGO JANUÁRIO DA CUNHA BARBOSA — (1800—1845) a rua 7 do Jardim Campos Eliseos, que tem início na rua 23 e término na avenida 1.

VIII — PADRE EMILIO MIOTTI (1894—1967) — SACERDOTE E EDUCADOR — a rua 11 do Jardim Garcia, 1.ª Gleba, que tem início na rua 20 e término na rua Castelnovo.

IX — SYBELE DE CAMARGO ANDRADE (1904—1971) — CIDADÃO PRESTANTE — a rua 7 do Jardim Garcia, 2.ª gleba, que tem início na rua 15 e término na rua 17 do mesmo loteamento.

X — PASCHOAL CIOLFI (1905—1970) — CIDADÃO PRESTANTE — a rua 34 do Jardim Campos Eliseos, que tem início na rua 5 e término na avenida 2.

XI — JORGE WHITEMANN (1899—1972) MUSICISTA — a rua 6 do Jardim Garcia, 1.ª gleba, que tem início na rua 20 e término na rua Castelnovo.

XII — FRANCISCO VIVALDI (1909—1972) — FUNCIONÁRIO EXEMPLAR — a praça delimitada pelas ruas Capistrano de Abreu, rua Serra do Piauí, rua Barretos e rua 6, todas situadas no loteamento Jardim Novo São José.

XIII — FRANCISCO FERREIRA PIRES (1815—1872) CIDADÃO PRESTANTE — a rua 31 do Jardim Campos Eliseos, que tem início na rua 34 e término na divisa do loteamento.

XIV — EDILON TREFIGLIO (1910—1965) — CIDADÃO PRESTANTE — a rua 17 que tem início na avenida 1 e término na rua 3 do mesmo loteamento, no Jardim Campos Eliseos.

XV — MARIO RIBEIRO DO AMARAL (1926—1972) EXPEDIENTÁRIO — a rua 25 do Jardim Campos Eliseos, que tem início na rua 15 e término na divisa do loteamento.

XVI — ORESTES COLOMBARI (1836—1952) — ARTISTA PINTOR — a rua 15 do Jardim Campos Eliseos, que tem início na rua 41 e término na rua 3 do mesmo loteamento.

XVII — ERNESTO ALVES FILHO (1911—1972) — EDUCADOR EMÉRITO — a rua 15 do Jardim Campos Eliseos, que tem início na rua 5 e término na rua 3 do mesmo loteamento.

XVIII — DANILO GLAUCO PEREIRA VILLAGELIN — (1923—1972) — JORNALISTA — a rua 8 do Jardim Campos Eliseos, que tem início na rua 23 e término na rua 20 do mesmo loteamento.

XIX — BENEDICTO RODRIGUES GOUVEA — (1922—1972) JORNALISTA PRESTANTE — a rua 6 do Jardim Campos Eliseos, que tem início na rua 23 e término na avenida do mesmo loteamento.

XX — DR. IRINEU DE OLIVEIRA LEME (1931—1972) CIDADÃO PRESTANTE — a rua 6 do bairro de São Bernardo, que tem início na rua Ceará e término na rua Espírito Santo.

Artigo 2.º — Este decreto entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Campinas, 10 de janeiro de 1.973.

DR. ORESTES QUÉRCIA  
PREFEITO MUNICIPAL  
DR. JOÃO BAPTISTA MORANO  
SECRETÁRIO DOS NEGÓCIOS JURÍDICOS  
Eng.º JULIO CESAR PILENSO  
SECRETÁRIO DE OBRAS E SERVIÇOS PÚBLICOS



# SEUS NOMES FICARÃO

João LANARO

Através decretos recentemente assinados pelo prefeito Orestes Quêrcia, vinte novos nomes vão figurar em placas denominando igual numero de vias-públicas da cidade. É u'a maneira mui simpática e até afetiva de se homenagear a memoria de pessoas que, durante a passagem pela face da terra, mais deram do que receberam. Tais medidas, ordenadas por quem de direito e a qualquer tempo, sempre faz alguém feliz, mormente quando elas atingem o verdadeiro sentido de se prestar pura e simples tais honrarias, sem outras vinculações senão o justo merecimento às pessoas cujas memorias em muitos e muitos casos, atravessam os tempos.

Entre as duas dezenas de nomes, em que pesem as razões que levaram o chefe do Executivo a assinar os já mencionados decretos, vi, com alegria, os de quatro cidadãos: Francisco Vivaldi, Ernesto Alves Filho, Danilo Villagelin e Benedito Rodrigues Gouvêa. Com exceção do primeiro, os três seguintes, além de leais amigos, foram meus companheiros de imprensa, de redacção — inclusive — o que quer dizer, soldados da mesma "trincheira", na luta mais variadas e difíceis que se podem imaginar. Isto, sempre no anonimato jornalístico, este, verdadeira escola de humildade e onde se aprende — os que realmente tem vocação — a renunciar à propria vaidade em beneficio da vaidade alheia. A propósito, lembro aqui o que, certa feita, ouvi do saudoso, experiente e mestre de jornalismo, Francisco Pati, quando da realização de um dos "Serões de Imprensa", no salão nobre da Faculdade Católica de Campinas, uteis e maravilhosas tertulias levadas a efeito pela Associação Campineira de Imprensa, quando na presidencia o jornalista João Rodrigues Serra. Francisco Pati, falando então sobre o despreendimento do profissional de imprensa, contou o milagre mas não disse quem era o santo. Hoje, entretanto, passado já um bocado de tempo, revivendo suas palavras então aninhadas lá num cantinho do cérebro e que, num abrir e fechar da "portinhola", vêm à tona, não tendo dúvidas de que o jornalista cujo modo de vida era um exemplo, outro não era senão o gran-

de e inesquecível mestre Olival Costa. "O velho profissional — disse-nos, Francisco Pati — estava tão identificado com o anonimato jornalístico, habituara-se tanto a falar em nome dos outros, pleiteando causas de todo o mundo, que ao ver o seu nome no jornal no alto da sua columna de todos os dias, teve a impressão de que o exibiam pelas ruas, na capota de um automóvel, nú".

Não é sem razão pois, que o padroeiro dos jornalistas é São Francisco de Sales, eleito em 1921/1922. Humberto de Campos, nessa ocasião, comentando o pleito, escreveu interessante trabalho sob o titulo: "O Patrono da Imprensa". Dele, extrairmos o seguinte trecho: — "Escritores mais eminentes eram, talvez, Santo Agostinho e São Eusébio, bispo de Cesaréa. E mais famosos ainda os quatro evangelistas que, se não escreveram eles mesmos as páginas que lhes são atribuídas, são os responsáveis officiais pela reportagem mais sensacional e brilhante de todos os tempos. Qual, pois, a razão da preferência dada a São Francisco de Sales? A primeira virtude a recomendá-lo para uma tal investidura é a sua abstinência. Sua mesa — diz Flos Sanctorum — era de uma extrema frugalidade; e cada refeição eram longos e, quando se alimentava, era de modo a ficar sempre com fome".

Não é que o jornalista seja uma figura immune aos erros e deslizes tão comuns à pessoa humana. E, depois, há jornalista e jornalista, tal como nas demais profissões... Dai a pergunta que, em certa ocasião, no Rio de Janeiro, foi dirigida a Odylô Costa, filho: — "Jornalista é viganista?" A resposta foi rápida, e o autor de "A Faca e o Rio", disse: — "Não! Jornalista que é viganista não é jornalista".

José Carlos de Oliveira, lidissimo cronista carioca, em uma de suas páginas publicadas no "Jornal do Brasil", de 31 de Maio de 1964, fez a defesa do jornalista e, entre outras coisas, acentuou: — "Um jovem reporter, oriundo da mais obscura camada do povo, pode encontrar-se de repente diante do homem mais poderoso do seu país; pode morar numa pobre pensão do Catete e ser convidado para uma

recepção no Itamarati; pode ganhar um péqueno salario enquanto denuncia um escândalo qualquer, no qual está correndo dinheiro grande. É preciso, então, mais do que vontade de ferro, uma completa indiferença pelos bens materiais".

Ernesto Alves Filho, quando veio para as lides de imprensa trazido pelas mãos de Nelson Omegna, já era educador. O jornalismo entretanto, completou a sua personalidade e a sua vocação, uma vez que a sua tarefa — a do jornal — "mais do que uma ligeira e frívola formação, consiste em explicar, ensinar, guiar, conduzir". Isto é o que nos ensina Terezinha Fernandes Spinola, em tese de doutorado à Faculdade de Filosofia e Letras, da Universidade de Madri.

Danilo Villagelin, neto, filho, irmão, primo, sobrinho de jornalistas, foi o profissional que jamais desmereceu a confiança de seus chefes e colegas, na feitura de uma noticia, um comentário, uma crônica, ou mesmo artigo que os redigia com facilidade e sem pretensão.

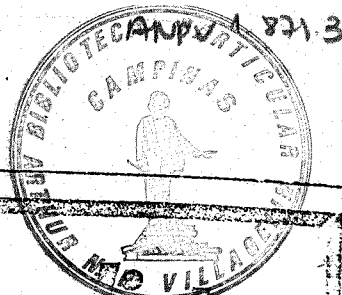
Benedito Rodrigues Gouvêa, além de sua ardua tarefa de chefe de revisão, era o redator e "dono" da Seção de Teatro Amador, sua grande preocupação em quase toda a sua vida como profissional de imprensa.

Finalmente, Francisco Vivaldi — o Chico Vivaldi — tal como era carinhosamente tratado. Não foi jornalista, mas, dele, deixo que fale um outro jornalista, o qual, em sua apreciada seção "Objetivo", escreveu: "Ele passou. Era Chico Vivaldi um amigo. Tudo o que se tem de bom e bonito em nossos jardins publicos, a ele se deve o penhor do maior quinhão. Plantou arvores. Não escreveu livro e não teve filhos. Mas tinha em d. Amélia, uma mulher de verdade. Quando diretor do Bosque dos Jequitibás, teve em Chico Vivaldi um assessor e um conselheiro. Era um simples mas entendia de plantas e flores como poucos. Era comum seu colloquio com engenheiros-agronomos e outros "experts" no assunto. Dava mais do que recebia e quantas vezes deu ao acervo do Município, em tudo".

Mencionadas ruas em breve serão inauguradas, oficialmente.

Seus nomes ficarão.





# Enteceu ontem o jornalista Benedito Rodrigues Gouvêa

O impacto do golpe que sofremos há meses, com a morte de Danilo Vilagelim, que nos deixou no setor esportivo como cronista de turmas e, apesar, pesarosos, a morte de um outro companheiro de trabalhos, Benedito Rodrigues Gouvêa, que nos deixou "na mesma guarda", isto é, à turma mais antiga do CORREIO POPULAR, exercendo com extrema dedicação as funções de Revisor-Chefe, responsável também pelo necrotério de arte teatral, assunto que ele co-

ordenava pessoalmente. Depois de muitos meses de enfermidade, ele acometera, mais um autentico projeto de imprensa e que lhe deu o nome de CORREIO POPULAR, onde trabalhava mais de vinte anos, trabalhando sempre no mesmo endereço, por seus méritos, pelo seu espírito organizador, sua seriedade e assiduidade, sua dedicação e chefia, sua competência e empresa, sua liderança além da imprensa, e de todos os setores da vida cultural daquela cidade, suas oficinas e...

Jornalista, em tudo, Benedito Rodrigues Gouvêa era um homem de ideias e de projetos, que criava em sua cabeça um idealismo, que se projetava para um nível artístico e de classe de um movimento cultural em todas as suas atividades. Com esse objetivo idealizou e fundou a FECAMTA — Federação Campineira de Teatro Amador, que teve uma atuação desta-

da e influente na vida cultural da cidade, recebendo apoio de todos os grupos de amadores, que viveram em uma "atmosfera aurea", inclusive com a realização de "Festas" no antigo Teatro Municipal e intercambio artístico com outros centros, através de excursões. Com isso reuniram em torno do movimento, acima de tudo, todos os conjuntos de amadores teatrais, que se organizaram, sob a bandeira da FECAMTA, uma grande força, inclusive dispondo de material cênico adequado com extrema dificuldade. Podemos dizer que o teatro amador teatral era um complemento da propria vida do nosso companheiro que perdemos ontem e que hoje falta ao nosso perece e profunda saudade.

Antes de ingressar no jornalismo, Benedito Rodrigues Gouvêa integrou a Bandeira Piratininga, dirigida por João Ameli, seguindo assim com denodados companheiros pelas barrancas do rio das Mortes, região até então inexplorada pelo homem. Ai, em contato com a natureza e com a natureza agreste, escreveu uma obra de grande importância que o "Correio Popular" divulgou sob o título de "Diário de Henry Benet", trabalho que teve uma repercussão pela sua linguagem e pela riqueza de imagens que apresentou.

Benedito Rodrigues Gouvêa era também um apaixonado pelo cinema, mas pelo cinema de alto nível, o cinema como expressão artística admissível quando produzido pelos grandes mestres, produtores e diretores, escrevendo a respeito nas colunas do CORREIO POPULAR até o dia em que a moléstia o afastou do nosso convívio e da qual veio a falecer na madrugada de ontem, cercado pelo carinho e dedicação de todos os seus familiares.

É com profundo pesar que registramos a morte do Benedito — que nós, na intimidade e dentro do espírito de camaradagem da redação, chamávamos simplesmente o "Dito". O pesar é de todos desta Casa, desde os diretores até os mais humildes servidores, porque a todos ele tratava com a mesma afabilidade e com a mesma bondade.

A sua exma. esposa e a sua filha, bem como os demais familiares, externamos aqui os nossos sentimentos de pesar pelo acontecimento que ontem entristeceu toda a família do CORREIO POPULAR.

## PESAR DA ACI

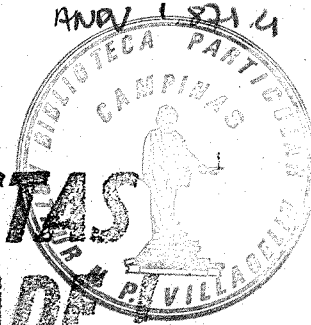
Benedito Rodrigues Gouvêa era membro do conselho deliberativo da Associação Campineira de Imprensa e um dos mais entusiastas das campanhas encetadas pela atual diretoria presidida pelo nosso redator-secretário, Carlos Tontolli. Em sinal de pesar, a bandeira da ACI foi hasteada a meio pau, na sede da entidade e cobriu a urna funeraria que conduziu os restos mortais do querido companheiro para o Cemitério da Saudade, saindo do necrotério N. S. da Boa Morte, às 17 horas de ontem, com grande acompanhamento, com a presença dos seus colegas e de elementos destacados do mundo artístico da cidade, os quais, certamente, continuarão a obra encetada pelo companheiro morto, não deixando a FECAMTA perecer. Será essa a mais expressiva homenagem prestada à memória do companheiro idealista, Benedito Rodrigues Gouvêa.

## SEPULTAMENTO

Depois da cerimonia religiosa, no necrotério da Boa Morte, os despojos de Benedito Rodrigues Gouvêa foram conduzidos ao Cemitério da Saudade e sepultados no jazigo da família Jacobucci. A beira da sepultura, em nome do CORREIO POPULAR e da Associação Campineira de Imprensa, falou o nosso companheiro, Ernesto Alves Filho, que foi muito feliz no necrologio que fez do extinto, cuja memória reverenciou com enternecido carinho.

Além dos jornalistas, achavam-se presentes ao sepultamento, os esportistas representando a A.A. Ponte Preta, da qual Benedito Rodrigues Gouvêa foi diretor.





# NOMES DE JORNALISTAS PARA RUAS DA CIDADE

Por decreto do prefeito Orestes Quercia, tres jornalistas falecidos no ano passado, todos pertencentes ao corpo redatorial do CORREIO POPULAR, tiveram seus nomes perpetuados em ruas da cidade: Benedito Rodrigues Gouvea — rua 6 do Jardim Campos Eliseos, que tem inicio na rua 23 e termino na avenida do mesmo loteamento; Danilo Glauco Pereira Vilagelim — rua 8 do Jardim Campos Eliseos, que tem inicio na rua 23 e termino na rua 20 do mesmo loteamento e Ernesto Alves Filho, rua 15 do Jardim Campos Eliseos, que tem inicio na rua 5 e termino da rua 20 do mesmo loteamento.

Acatou, assim, o prefeito Orestes Quercia, uma sugestão da Associação Campineira de Imprensa, através de um memorial assinado pelo seu presidente, Carlos Fontoli e demais diretores, visando cultivar a homenagem daqueles saudosos companheiros,

que tanto dignificaram a imprensa campineira, através de excelentes serviços prestados à coletividade.

Danilo Pereira Glauco Vilagelim, pertencente a uma "dinastia" de jornalistas — os Vilagelins — além de cronista de turfe, desempenhou outras funções neste jornal, onde, aliás, iniciou suas atividades jornalísticas, menino ainda, como discipulo do saudoso cronista esportivo, Fernando Panatoni. Sempre foi, como se diz, "um companheiro", leal e sincero em todas as suas atitudes, de todas as horas e desassombrado em suas atividades, deixando entre nós uma inapagavel lembrança.

Benedito Rodrigues Gouvea, durante muitos anos o chefe do departamento de revisão do "CORREIO", foi o homem de teatro, grande incentivador do amadorismo teatral através da "FECAMTA", entidade que presidiu durante muitos anos, dando a ela o melhor dos seus esfor-

ços e do seu idealismo. Apaixonado também pelo cinema, escreveu muitas criticas de filmes e emprestou o seu concurso a todos os movimentos ligados à vida cultural da cidade. Para nós, seus companheiros de luta quotidiana no jornal, ele era o "Dito", sempre generoso e sempre solícito. Sua morte significou uma grande perda para o CORREIO, do qual era um dos funcionários mais antigos.

Perdemos também no ano passado outro companheiro boníssimo, também da "velha guarda", Ernesto Alves Filho, o nosso pranteado "professor Ernesto", do qual guardamos as melhores recordações. Homem de profunda cultura, falando diversos idiomas, ensinando "Culto a Ciencia", ministro evangélico, advogado o prof. Ernesto foi a terceira e grande perda que tivemos no ano de 72. Tinha ele, pelo CORREIO POPULAR, uma verdadeira paixão, tal a maneira com que vivia identificado com este jornal, participando de todos os acontecimentos, vivendo as dores e alegrias de todos os companheiros, abordando diariamente, nas suas excelentes crônicas, os problemas da cidade, sempre embutido de um só propósito, o de servir à comunidade, o de ser util aos seus semelhantes e de pôr em prática os principios cristãos que sempre pregou nas suas explecidas orações.

São tres ausencias que permanecem vivas em nossa lembrança e em nossa saudade. Seus nomes estão, agora, por lei perpetuados nas ruas de um dos novos mais floresentes bairros, o Jardim Campos Eliseos. A homenagem foi justa, porque visou tres figuras que souberam em vida, dignificar a profissão que abraçaram e que fizeram do jornalismo, um instrumento util em beneficio da coletividade, pugnando, com elevado espirito, em defesa das causas justas e humanas.



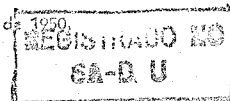
DANILO PEREIRA VILAGELIM

RUA BENEDICTO RODRIGUES GOUVEA

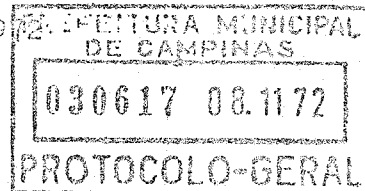
# Associação Campineira de Imprensa

A PRIMEIRA FUNDADA NO ESTADO DE SÃO PAULO

Órgão de Utilidade Pública do Município, do Estado e da União, respectivamente, Lei 489, de 22 de dezembro de 1950, Lei 505, de 14 de novembro de 1949 e Lei 1073, de 20 de março de 1950.



Campinas, 30 outubro de 1972



568/72

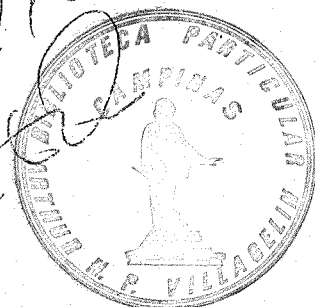
Exmo. Sr.

Dr. Orestes Quercia

DD. Prefeito Municipal de

Campinas

*Outor  
S.M.L.  
H.L.K.*



A Associação Campineira de Imprensa, em sua última reunião da Diretoria, houve por unanimidade de seus elementos, de vir a presença de Vossa Excelência, pleitear que se dê a ruas de nossa cidade, os nomes de companheiros desaparecidos, que no exercício de sua profissão procuraram fazer dela uma trincheira da Verdade e da Justiça.

Portanto, procurando enaltecer seus nomes em placas de vias do município, mantendo assim a chama da tradição e do culto aos autênticos homens de imprensa, solicitamos que se estude a possibilidade de serem lembrados os nomes de nossos companheiros: Dr. Ernesto Alves Filho, advogado, jornalista, professor; Benedicto Rodrigues Gouvêa - cronista de arte do "Correio Popular" e nome ligado às lides da vida teatral da cidade; e, Danilo Glauco Pereira Villagelin ex-funcionário do I.N.P.S. e colaborador do "Correio Popular".

Pensamos assim, Senhor Prefeito, cultivar á memoria daqueles - que ombro a ombro lutaram conosco nas redações dos jornais e no seio da coletividade, motivo pois desta nossa modesta solicitação.

Apresentamos a Vossa Excelência os protestos da mais alta estima e distinta consideração.

FICHADO NO L.P.

*Carlos Tontoli*

CARLOS TONTOLI - PRESIDENTE